

## ● ENTREVISTA

# Mais aceitação, menos exclusão

Ana Isabel Freitas, directora da Escola Secundária Jaime Moniz

PAULA HENRIQUES  
phenriques@dnoticias.pt

Quantos alunos é que o Liceu tem nesta fase em ensino à distância? Temos cerca de 2.000 alunos à distância.

Como reagiram os alunos e os pais à decisão do Governo Regional de colocá-los em casa? Os alunos no primeiro dia de aulas do segundo período tiveram a modalidade de ensino à distância, depois tiveram dois dias presenciais e regressaram à modalidade do ensino à distância. Muito provavelmente estes alunos já estavam adaptados do ano passado. Não temos qualquer conhecimento de reacção negativa dos alunos nem dos seus encarregados de educação.

Como escola, qual é a vossa preocupação? A preocupação dos docentes prende-se essencialmente com a avaliação do segundo período. Estamos todos à espera de regressar ao ensino presencial no dia 22 de Fevereiro, ainda temos um mês de aulas e naturalmente que os docentes, e os alunos também, estão todos empenhados em realizar pelo menos um instrumento de avaliação na modalidade presencial. O processo de aprendizagem está a ser cumprido. Agora nós sabemos que os alunos que são menos autónomos se calhar vão ter mais dificuldade em acompanhar esse processo. Daí que todos estejamos desejando de regressar à dita normalidade, ao ensino presencial.

Há alunos que não têm acesso a um computador, à Internet? Relativamente ao ano passado em que todos os alunos estavam à distância, de facto a escola teve de distribuir alguns tablets, computadores e até importar routers. Neste momento podemos dizer que esse número de alunos é muito residual, são poucos. Nós emprestamos só alguns computadores, porque os alunos dos cursos profissionais e CEF [Cursos de Educação e Formação] continuam em ensino presencial. Agora alguns professores dizem é que alguns alunos não têm no seu computador uma câmara ou um microfone. Nesses casos, como quase todos têm um smartphone, passam a utilizar o smartphone, de modo que há sempre uma proximidade. E em último caso, existe o telefone ou o WhatsApp, um instrumento que também pode ser utilizado.

Esta vez houve menos exclusão, no sentido de não terem os mesmos meios? Pensamos que sim. Pelo



Ana Isabel Freitas diz que os professores estão disponíveis para responder às necessidades dos alunos. FOTO ARQUIVO

menos é a nossa percepção. E se há um director de turma ou outro que diz que um aluno ainda não tem, tentamos sempre solucionar emprestando computadores da escola. Mas há muito menos casos.

O que é que mudou do primeiro confinamento para este? Em termos de ensino, a maioria dos professores não tinha conhecimento do que era o ensino à distância, on-line, não dominava a terminologia própria e as características. Muitos fizeram formação e a escola também. Tivemos alguns colegas que se disponibilizaram para ajudar, trabalhámos de uma forma muito mais colaborativa. Desta vez o número de professores que se 'esqueceu' de como é que isso se fazia é muito residual, houve uma maior aceitação. Foi um processo que aconteceu normalmente.

A escola está a conseguir acompanhar o programa, tendo em conta que o ensino à distância obriga a um ajustamento? Nós temos o nosso plano de ensino à distância, de ensino presencial e de ensino misto. Tinha sido aprovado no conselho pedagógico em Outubro e está a ser cumprido.

Falava-me sobre a questão da avaliação. Imaginando que a situação se estende um pouco mais, é possível a



## A PREOCUPAÇÃO DOS DOCENTES PRENDE-SE ESSENCIALMENTE COM A AVALIAÇÃO DO SEGUNDO PERÍODO

escola concluir o segundo período sem um momento de avaliação presencial? Nós temos esperança que isso não aconteça. É um cenário que temos pensado, não temos discutido. Mas com certeza que os alunos terão elementos de avaliação, até porque já tiveram um período presencial e continuam a realizar os seus trabalhos. Mas é de facto uma questão que está em aberto.

E que impacto é que acha que este ensino à distância terá em termos de exames nacionais? No ano passado

houve necessidade de adaptar. Não sei responder a essa questão. O que sabemos é que na Região o processo de aprendizagem dos alunos não foi interrompido. Por isso, caberá à tutela. Se for necessário preparar mais intensamente para os exames, com certeza que o faremos.

Mas no continente houve uma paragem. Isso não criará diferenças? Com certeza. Mas isso caberá à tutela definir uma nova organização do ano lectivo, uma nova calendarização. Não estamos ainda a par de nada.

E em relação aos alunos que tinham dificuldades e tinham apoio. Continuam a ter? Sim, agora têm apoio à distância. E aqueles que precisavam do apoio dos docentes de educação especial podem vir à escola até. E mesmo os docentes de educação especial também continuam a dar apoio aos alunos à distância.

Todas as disciplinas funcionam bem neste modelo? Os nossos colegas dizem que sim. Até os professores de Educação Física. Por isso no geral cada um faz o melhor que pode, sempre em benefício dos alunos.

E para si, como é que é gerir uma escola sem alunos? Temos cerca de 200 alunos. É mais silenciosa, mas temos alunos e temos colegas, por isso não sentimos tanto neste se-

gundo confinamento. O relacionamento humano existe, quer com os colegas que têm os dois tipos de ensino, o ensino profissional e o ensino regular, e mesmo com alunos, que vêm sempre, cumprimentam, passam nos corredores. No fundo têm a escola só para eles agora.

Esta foi a decisão acertada, de colocar os alunos do 3.º Ciclo e Secundário em casa, no ensino à distância? De facto os alunos mais novos precisam efectivamente de um maior acompanhamento. Os alunos do 3.º Ciclo e Secundário são capazes de realizar já um trabalho autónomo. Apesar de precisarem sempre do acompanhamento dos pais, dos encarregados de educação e dos professores.

Mas não me respondeu. Todas as decisões são difíceis de tomar. Nós orientamo-nos pela Secretaria Regional da Educação e pelo IASAU-DE. E se as pessoas acharam que isso era o melhor, efectivamente pensam que estão todos a zelar por nós.

Que avaliação é que faz do trabalho desempenhado pelos pais? Eu penso que os pais estão a acompanhar os seus filhos, tal como acompanham no ensino presencial.

Têm situações complicadas, de alunos que não assistem às aulas? Não lhe vou dizer que numa escola que tem 2.000 alunos que não haja um ou outro em que o professor tem de fazer um maior esforço para que o aluno ligue a câmara, ligue o computador na hora da aula. Evidentemente que há. Mas são casos pontuais. O que os meus colegas dizem é que quem aprende bem no ensino presencial, também aprende bem no ensino à distância. Tem a ver muito com os objectivos de cada um.

O que é que tem sido mais difícil neste quase um ano de pandemia? A transição inicial no mês de Março. Foi uma situação totalmente nova e nós tivemos de reagir, tivemos sobretudo que arranjar forças para motivar todos os nossos colegas.

Este ano? Sente-se mais preparada, mais motivada? A motivação, acho que todos continuamos com ela. Preparados, do ponto de vista psicológico, sim, não é uma situação nova e talvez estivéssemos já à espera. O mundo sempre foi incerto, mas agora ainda mais. Hoje é assim, hoje estamos a pensar que vamos regressar no dia 22. Se não regressarmos no dia 22, naturalmente que cá estaremos sempre disponíveis para continuar. É importante termos a mente aberta para o novo, também faz parte da profissão de um professor.